PLANO DE ESTADO – BRASIL 2030

JOÃO MARTINS DA SILVA JUNIOR

PRESIDENTE DA CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL (CNA)

DA REDAÇÃO

No comando da CNA desde 2015, João Martins da Silva Junior possui uma trajetória profissional de mais de cinquenta anos ligada à atividade pecuária e às entidades classistas. Em seu depoimento, apresenta uma boa visão das mudanças em curso no agro. A necessidade de um trabalho de comunicação e imagem do setor passa a ser um grande desafio diante de uma sociedade cada vez mais urbana. Fala, também, sobre o documento "Plano de Estado – Brasil 2030", elaborado por diversas associações ligadas ao agronegócio para ser entregue aos candidatos à presidência. Dentre outros assuntos, discorreu, ainda, sobre a criação e a evolução do Conselho do Agro, que se reúne mensalmente na sede da CNA.



Wenderson Araujo/Trilux

QUAIS SÃO AS MOTIVAÇÕES PARA CRIAR O CONSELHO DO AGRO?

JOÃO MARTINS DA SILVA JUNIOR: Criamos o Conselho das Entidades do Setor Agropecuário, o Conselho do Agro, em 2016, para unirmos forças e atuarmos, de forma cada vez mais organizada, na defesa da produção rural brasileira. Reunimos quinze entidades que atuam na representação dos diversos segmentos do setor para, juntos, buscarmos soluções para os grandes desafios que se impõem ao desenvolvimento da agropecuária nacional.

O Conselho é uma organização horizontal, sem hierarquia ou hegemonia, que reflete a grande variedade e a riqueza da nossa agricultura e pecuária. A nossa pauta de trabalho contempla temas que impactam diretamente no crescimento do setor e, consequentemente, na economia brasileira, pois a atividade agropecuária, hoje, gera empregos e contribui para a estabilidade econômica do País, mantendo o equilíbrio entre produção e preservação do meio ambiente.

EM QUE ESTÁGIO ESTÁ O CONSELHO?

JMSJ: Os integrantes do Conselho do Agro reúnem-se, mensalmente, na sede da CNA, em Brasília, para tratar dos temas estratégicos para o setor agropecuário. Desde 2016, já foram realizadas quinze reuniões, com a participação das quinze instituições que integram o fórum. Acreditamos que o agronegócio deve ser protagonista na apresentação de propostas de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento econômico e social do País.

Por isso, entre os principais assuntos debatidos até o momento, destacam-se aqueles relacionados ao custo Brasil, como as reformas trabalhista, previdenciária e tributária, assim como temas que afetam diretamente o setor, como a modernização da política agrícola brasileira, problemas fundiários, o registro de defensivos agrícolas e a melhoria da comunicação do setor.

ESTÁ SENDO ORGANIZADO UM DOCUMENTO PARA ENTREGAR AOS CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA?

JMSJ: Sim. Estamos construindo um documento com a participação de todas as entidades que integram o Conselho do Agro, sob a coordenação do ex-ministro Roberto Rodrigues, via a Cátedra Luiz de Queiroz, da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Esalq/USP), e o Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (GV Agro). Ao final deste trabalho, teremos o "Plano de Estado – Brasil 2030", com uma proposta para os próximos governos desenvolvida com o objetivo de transformar o Brasil no maior e melhor produtor de alimentos do mundo.

O documento foi estruturado em seis eixos, cuja síntese será apresentada aos candidatos à presidência da República. Contém uma visão de futuro que inclui temas estruturantes, como: as reformas necessárias ao desenvolvimento econômico do País; questões ligadas à segurança jurídica, que envolve, também, a segurança no campo; a abertura de novos mercados; prioridades na área de infraestrutura e logística; os investimentos em tecnologia e inovação para alavancar a produtividade da agropecuária nacional, entre outros.

> "PRECISAMOS MOSTRAR AO MUNDO ESSA IMAGEM DE UM SETOR QUE GERA RENDA E EMPREGO E CONTRIBUI PARA O DESENVOLVIMENTO DO PAÍS..."

Além da CNA e das entidades do Conselho do Agro, também participam da elaboração desse documento associações que representam a agroindústria.

COMO FORTALECER O PROTAGONISMO E A LIDERANÇA DO AGRO NACIONAL EM NÍVEL GLOBAL?

JMSJ: A liderança do agronegócio brasileiro no exterior e o seu fortalecimento devem ser pautados em dois eixos, que funcionam de maneira complementar: desenvolvimento de parcerias estratégicas com outros países e reafirmação da imagem do País e da marca "Brasil". O Brasil deve estabelecer parcerias estratégicas, por meio de acordos comerciais, com a Coreia, o Japão e o México, por exemplo, e ações de cooperação em temas regulatórios, referentes a investimentos em tecnologia e inovação no campo e, principalmente, nas áreas de assistências técnica e gerencial.

O produtor rural está fazendo o seu dever de casa ao adotar sustentabilidade e tecnologia como a base do desenvolvimento da agropecuária brasileira e precisará, cada vez mais, de inovação em

insumos, serviços e máquinas. Precisamos mostrar ao mundo essa imagem de um setor que gera renda e emprego e contribui para o desenvolvimento do País, ao mesmo tempo em que produz alimentos de alta qualidade, respeitando a biodiversidade local e buscando o desenvolvimento socioeconômico do meio rural.

Ao consolidarmos essa imagem-marca "Brasil" no exterior, adicionaremos cada vez maior valor ao produto brasileiro no mercado global, ao mesmo tempo em que disseminaremos as boas práticas brasileiras no campo com outros parceiros.

HOUVE UM TRABALHO INTENSO DE COMUNICAÇÃO E IMAGEM COM A SOCIEDADE?

JMSJ: Estamos trabalhando nisso. Ao atravessarmos essas crises econômica e política dos últimos anos, vimos que o setor agropecuário vinha oferecendo conquistas importantes ao País na geração de empregos e riquezas. Entretanto, a nossa comunicação chegava com atraso à sociedade urbana e, muitas vezes, com uma imagem distorcida do setor. Sabemos dessa deficiência e que precisamos demonstrar ao mundo as boas práticas ambientais e trabalhistas e as conquistas econômicas e sociais que o setor vem apresentando no Brasil.

É um enorme desafio, principalmente para quem está acostumado com a lida no campo, e não com os holofotes e as câmeras. Mas, todos os integrantes do Conselho do Agro têm, hoje, o mesmo sentimento, de que não basta fazer apenas um bom trabalho no campo, como estávamos fazendo. Temos que mostrar ao mundo que produzimos com responsabilidade ambiental e social, qualidade, eficiência e, principalmente, com o desejo de melhorar o Brasil.

Montamos uma estratégia de comunicação direcionada aos produtores rurais, por meio de programas de TV e rádio e redes sociais, com o objetivo de levar experiências de sucesso a outros produtores. Também temos uma estratégia de comunicação direcionada à sociedade brasileira e aos nossos principais mercados internacionais a ser implementada ainda neste ano.

PODEMOS TRABALHAR PARA UMA VISÃO MAIS COMPARTILHADA DO AGRO ENTRE AS ENTIDADES?

JMSJ: A criação do Conselho do Agro supriu em parte essa necessidade. O setor precisa falar a mesma língua, chegar a um consenso sobre as melhores soluções para os problemas, mas respeitando as particularidades de cada cadeia produtiva da agropecuária e a diversidade das regiões em que cada uma delas está inserida.

Em cada uma das reuniões que realizamos, uma das entidades ficou encarregada de apresentar um tema que impacta o setor, responsabilizando-se pela coordenação dos trabalhos. Assim, os membros do Conselho participam ativamente da construção de propostas para um setor mais eficiente. Tudo o que é deliberado é feito por consenso, sendo a visão e as ações compartilhadas entre as entidades que compõem o Conselho do Agro.

> "TAMBÉM TEMOS UMA ESTRATÉGIA DE COMUNICAÇÃO DIRECIONADA À SOCIEDADE BRASILEIRA E AOS NOSSOS PRINCIPAIS MERCADOS INTERNACIONAIS A SER IMPLEMENTADA AINDA NESTE ANO."

ESSE CENÁRIO INTERNO DE BAIXAS TAXAS DE INFLAÇÃO E DE JUROS FAVORECE A PRODUÇÃO?

JMSJ: Todo setor econômico é favorecido pela estabilidade macroeconômica em suas decisões de produção, de contratação de mão de obra e de investimentos. Certamente, juros e inflação baixos contribuem para a previsibilidade de custos da produção agropecuária, favorecendo investimentos em tecnologia e elevação de produção e produtividade com sustentabilidade ambiental.

Mais do que beneficiar o agro, as quedas da inflação e dos juros são conquistas da sociedade brasileira, alcançadas com a ajuda do expressivo desempenho do agronegócio. No ano passado, o Produto Interno Bruto (PIB) da agropecuária cresceu incríveis 13% e, não fosse a queda de 4,85% nos preços dos alimentos consumidos em domicílio, a inflação brasileira não teria sido a menor em quase vinte anos. No *front* externo, desde 2007, a balança comercial brasileira tem sido superavitária, mais uma vez graças ao excepcional desempenho do agronegócio.

PRECISAMOS DE CONTINUIDADE NAS REFORMAS PARA DAR COMPETITIVIDADE AO PAÍS?

JMSJ: As reformas estruturantes são essenciais. Em quarenta anos, a produção agrícola cresceu 408%, enquanto a área plantada cresceu muito menos, apenas 63%. Ou seja, o produtor rural tem feito a sua parte, provendo alimentos a preços estáveis não apenas aos brasileiros, mas ao mundo. Mas, fora da porteira, estes ganhos de produtividade e eficiência são perdidos nas estradas de má qualidade, nos elevados custos logísticos, tributários e cartoriais, na burocracia para produzir e exportar e na falta de políticas públicas que atendam o setor em sua dimensão e urgência. ■



Wenderson Araujo/Trilux

> “(...) O PRODUTOR RURAL TEM FEITO A SUA PARTE, PROVENDO ALIMENTOS A PREÇOS ESTÁVEIS NÃO APENAS AOS BRASILEIROS, MAS AO MUNDO.”